

Francisco Xavier e o "Corpo Missionário" destinado a Índia

Karla Katherine de Souza Seule

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar como Francisco Xavier, co-fundador da Companhia de Jesus, que foi Núncio Apostólico do Oriente de 1541 a 1552, controlando todas as missões que se estendiam de Moçambique ao Japão, traçou um projeto de corpo missionário que deveria ser enviado para as missões da Índia e arredores. Para isto utilizamos como fonte as suas cartas e alguns de seus escritos. Xavier estava inserido no período áureo da expansão marítima portuguesa. Como missionário estava sob a esfera do Padroado Real português e, portanto, a serviço deste fundou as missões jesuíticas no Oriente e teve participação ativa em questões políticas e culturais de Portugal no Índico. Era por meio de cartas que ele coordenava as complexas atividades daquela instituição. As cartas eram fundamentais como meio de comunicação já que os jesuítas estavam espalhados por vários lugares do globo. A comunicação constante era crucial para que fosse mantida a coesão entre eles e fossem obtidos resultados favoráveis na sua catequese. Era através das informações sobre os lugares por onde passavam coletadas e transcritas em forma de cartas, que os jesuítas acabaram montando uma espécie de base de dados a respeito das suas diferentes missões. E baseados nesses dados é que os seus superiores designavam qual o perfil de missionário a ser enviado para cada lugar. Dentre a correspondência jesuítica, os escritos de Francisco Xavier não deixam de ser importantes documentos, pois suas cartas mostram as interações entre europeus e sociedades nativas. Xavier enquanto agente da fé, encarregado da propagação desta, deveria combinar os papéis de religioso e político, aliando-se aos agentes políticos nativos das regiões onde missionava e ao mesmo tempo manter boas relações com as autoridades portuguesas, daí a riqueza de informações obtidas em sua correspondência. Este jesuíta procurou, em meio a essas relações fruto de suas atividades a serviço do Padroado Real da Coroa portuguesa, mecanismos que possibilitassem a manutenção das suas missões e um melhor desenvolvimento dessas. Dentre esses mecanismos, aqui, destacamos a preocupação de Xavier em formar um corpo missionário apto para o trabalho no Oriente, pois vemos em suas cartas não só a descrição de informações, sobretudo a respeito das populações e da geografia de cada lugar em que visitou, mas a sua insistência de através dessas informações, comprovar quais seriam esses missionários ideais a serem designados à Índia, para que ali pudessem enfrentar os perigos e as dificuldades a qual estariam sujeitos e ao mesmo tempo, alcançassem bons frutos.

Palavras-chave: Francisco Xavier, Companhia de Jesus, Padroado.

Introdução:

A expansão ultramarina portuguesa, além de fins comerciais, também tinha o objetivo de divulgar a fé cristã. Para isso, foram enviados padres, juntamente com os mercadores, às novas terras encontradas. Portanto, na época da expansão marítima e colonial de Portugal, dois poderes se mostraram fundamentais: o espiritual e temporal. A união entre eles era representada pelo Padroado Real da Igreja. Através do Padroado, a Igreja concedeu ao Estado português direitos, deveres e privilégios sobre as instituições eclesiais do ultramar¹. Todavia, apesar de secundário diante dos objetivos mais imediatos da Igreja Católica, o trabalho missionário na Ásia expandiu-se amplamente no decorrer do século XVI. As missões começaram a se desenvolver com rapidez principalmente, após a chegada dos jesuítas.

Embora anterior ao Concílio de Trento, mas inserida no conjunto de ações empreendidas pela Reforma Católica, em 1534 foi formada a Companhia de Jesus, por iniciativa de Inácio de Loyola, e aprovada pelo papa Paulo III na bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, em 1540 (TAVARES, 2002, p. 85-86). Antes mesmo da fundação oficial da Companhia de Jesus, teve início em 1538 uma próspera relação entre os seus membros e o reino de Portugal. Em 1540, o embaixador português em Roma, Diogo da Gouveia, procurou os jesuítas em nome de D. João III, e deixou claro o desejo do último, em ter os novos padres trabalhando em Portugal e em seus domínios orientais. (COSTA, 2006, p. 40). O que explicava essa boa relação entre a Coroa portuguesa e a Companhia de Jesus, já que existiam outras ordens mais antigas e outras recentes que acompanhavam o ritmo reformador da Igreja em Portugal, era a existência de uma espiritualidade que aliava tradição e modernidade².

A Companhia de Jesus, ao mesmo tempo em que possuía elementos comuns a outras ordens católicas, criou outros elementos particulares a sua própria organização. Muitos estudiosos do assunto falam da existência de uma ascese para o mundo dos jesuítas, evocando um conceito que Max Weber utilizou para explicar as práticas dos protestantes, que, nas sociedades envoltas, buscavam se distinguir dos outros, não se afastando do mundo, mas dentro do mundo, através das suas práticas diárias. Muitos aproximam as práticas jesuítas dessa postura, pois eles procurariam se diferenciar dos outros em seu comportamento, ao mesmo tempo em que a Companhia havia sido criada para levar o Cristianismo ao mundo:

A Companhia de Jesus foi criada como uma ordem que queria ser, de certa forma, diferente das muitas outras. O mundo não era para ser hostilizado, mas encarado; a fé cristã não era para ficar encerrada dentro de muros, mas deveria ser propagandeada, levada para todos os cantos do mundo. (COSTA, 2003, p. 1).

Essa nova ordem religiosa se construía em um mundo que estava se arredondando, no auge da expansão ultramarina e, portanto, em um momento de intensas trocas, onde se acirra a questão das identidades. Portanto, entra em jogo, aqui, a questão da alteridade, ou seja, como esses homens encararam e foram encarados pelo mundo com o qual eles entraram em contato.

O jesuíta Francisco Xavier foi, então, designado para as missões do Padroado português do Oriente. Xavier era espanhol, nascido em 7 de abril de 1506. Ele estudou em 1525 na Universidade de Paris, onde conheceu Inácio de Loyola e os outros colaboradores na fundação da Companhia de Jesus. (XAVIER, 2006, p. 39). Em 1542, ele foi para a Índia como Núncio Apostólico do Oriente, tendo jurisdição sobre todas as missões, do Cabo da Boa Esperança ao Japão. Era por meio de cartas que ele coordenava as complexas atividades daquela instituição. Os jesuítas estavam dispersos pelo globo em várias missões, portanto, as cartas eram um mecanismo de união entre eles. A comunicação constante era crucial para que fossem obtidos resultados favoráveis na sua catequese. E Loyola tinha claro que o conteúdo da correspondência jesuíta também servia para produzir uma imagem da Companhia. “Qualquer notícia deveria primeiro edificar”, por isso, “nada melhor que mostrar os avanços da glória divina nas obras e ações apostólicas dos padres e irmãos”. E, “escrevendo para

serem lidos por muitos outros, os padres deveriam ter a consciência de que estavam produzindo um texto para ser interpretado e lembrado”. Entretanto, essas cartas serviam para, por intermédio dos superiores da Companhia, os jesuítas buscarem solução para os possíveis problemas em suas missões com as autoridades da Coroa, ou junto ao Rei português. (LODOÑO, 2002, p. 17).

Sabemos que, enquanto Francisco Xavier fundava e organizava as missões no Oriente, uma legião de jesuítas estava sendo enviada para várias partes do mundo, “desenvolvendo atividades diversas daquela para a qual a ordem teria sido criada: uma cruzada religiosa pelas terras sagradas ao cristianismo”. E, em uma ordem na qual a obediência era primordial e deveria ser “irrestrita de todos os jesuítas aos seus superiores e, principalmente, ao superior geral”, fez de sua estrutura algo solidamente centralizado. A “união interna da Companhia e a obediência como regra a ser cumprida encontraram no vasto epistolário jesuítico um instrumento devidamente eficaz”. (COSTA, 2003, p. 3-4).

Dessa forma, os missionários sob a tutela dos portugueses na Índia e arredores, diante da realidade complexa com a qual se depararam, tiveram que estabelecer diversas estratégias de ação. Eles não hesitaram em se utilizar de alianças políticas com determinados reinos ou grupos locais para desenvolver seu trabalho. Através da prática missionária, cuidadosamente registrada em suas cartas e enviadas aos superiores, bem como também trocadas entre eles, foram aperfeiçoando seus métodos catequéticos e da mesma forma organizando melhor a distribuição dos missionários que deveriam ser enviados para cada lugar. Por meio da leitura da correspondência de Xavier, vemos que este, enquanto Núncio Apóstólico do Oriente, vai determinando àquele que deveria ser o missionário ideal para o trabalho na Índia. Ou seja, ele olha para o outro, para definir, com base no outro, qual o melhor eu (o missionário/jesuíta/europeu) possível para as missões da Índia.

O “corpo missionário” destinado a Índia

Francisco Xavier enquanto o superior da Companhia de Jesus no Oriente, traçou portanto, um projeto de corpo missionário que deveria ser enviado para as missões daquela região. Esse projeto de corpo missionário foi traçado com base, nos próprios preceitos fundadores da Companhia de Jesus e nas características políticas e geográficas daquela região para onde ele seria designado. Essas informações eram reunidas pela correspondência trocada pelos jesuítas e essa, em um mundo vasto, que favorecia a dispersão, com o tempo serviu como um instrumento que contribuía para a manutenção da união e organicidade de uma hierarquia rígida da Companhia de Jesus e também para a geração de uma base de informações. De acordo com Costa, diante de territórios novos como o Oriente e o Brasil, os relatos pormenorizados permitiam que todos os membros da Companhia, e outros, conhecessem o mais fielmente possível a realidade enfrentada nas missões:

A vasta correspondência entre os jesuítas não se restringia a informações, a troca de novidades, ou mesmo simples relatos de subordinados para os chefes. A correspondência entre os jesuítas encerrava, em inúmeras ocasiões, verdadeiros tratados culturais, religiosos ou, para usar um termo mais atual, etnográficos. (2003, p. 6-7).

Quando Xavier partiu para a Índia, deixou, em Portugal, Simão Rodrigues encarregado de criar um colégio para o preparo de mais missionários. A Companhia havia sido criada há poucos anos e ainda não estavam concluídas todas as regras de sua organização. Daí a importância da descrição, em suas cartas, das características pormenorizadas de cada lugar como uma forma de comprovar que o tipo de missionário que ele estava a pedir para o trabalho na Índia era válido. Pois, com o desenvolvimento dos trabalhos em terras com culturas diferentes, “culturas pecaminosas, segundo a concepção ocidental cristã da época”,

estes tratados etnográficos traçados pelas cartas tornavam possível um preparo prévio daqueles que seriam enviados às missões:

As cartas dos primeiros missionários e as visitas forneciam o material suficiente para que os colégios preparassem os seus futuros padres missionários com o cabedal intelectual específico necessário para o aperfeiçoamento dos trabalhos. (COSTA, 2003, p. 7).

Em uma Índia, em que Xavier pouco teve contato com populações culturalmente avançadas, com excessão do contato breve que manteve com alguns brâmanes, o tipo de missionário necessário, era, principalmente, o virtuoso e fisicamente apto.

Desde a sua chegada, Xavier vai pedir pelo envió de mais missionários. Em uma de suas primeiras cartas após iniciar o trabalho catequético na Índia, de 1º de janeiro de 1542 aos companheiros residentes em Roma, ele já comenta a necessidade de mais homens para evangelizar a região:

Se aí houvesse algumas pessoas muito desejosas de servir a Deus Nosso Senhor, muito fruto se seguiria se mandásseis algumas a Portugal, porque de Portugal, na armada que de lá vem todos os anos, viriam para a Índia. (XAVIER, 2006, p. 97).

Este, então, torna-se seu pedido constante. Mas aos poucos ele vai designando, com base na prática, o perfil do missionário que realmente deveria ser enviado para a Índia:

Hão-de passar muitos trabalhos, pois os desta terra são grandes, tanto ela debilita os que não são criados nela. Pensai numa coisa: que tanto o mar como a terra os hão-de provar para quanto são. Não é esta terra senão para homens de grande compleição e não de muita idade. Mais é para mancebos que para velhos, embora para velhos saudáveis seja boa. (XAVIER, 2006, p. 118).

Aqui, Xavier avisa que os riscos a serem enfrentados por aqueles que para a Índia se destinassem, não se encerrariam no mar. Em terra, como ele destaca, esses missionários continuariam à prova. Nesta mesma carta, pede um professor de gramática para o Colégio S. Paulo, que segundo ele, tem mais de sessenta rapazes naturais da terra. Ele também pede um pregador para instruir os clérigos em *Exercícios Espirituais*, pois “os clérigos que vêm para a Índia não são todos letrados” (2006, p. 118-119). O que podemos concluir, com base nas descrições de Xavier, é que na Índia, para a evangelização, o que se faz mais necessário é um pregador para os fiéis, professores para o colégio e mais missionários para os infiéis. Este será o pedido que repetidamente ele faz em suas cartas, ao longo dos anos em que ele lá permaneceu.

Além disso, em meio a povos culturalmente diferentes e sujeitos à dispersão e à tentação constante, esses padres deveriam ter virtude suficiente para implementar a obediência e os valores adquiridos pela prática dos *Exercícios Espirituais*. Escritos por Loyola, eles eram uma espécie de manual do jesuíta, “a ‘porta de entrada’ para o espírito jesuítico, pois todos os noviços, irmãos e padres deveriam fazê-los” (COSTA, 2003, p. 5). Roland Barthes ao analisar esses escritos, explica que neles encontramos uma fúria em recortar o corpo crístico, o corpo vitimal, a alma humana. Sendo assim, Loyola “parcela o corpo (vivido sucessivamente por cada um dos cinco sentidos), como recorta a narrativa crística (repartida em ‘mistério’, no sentido teatral da palavra)”, com o objetivo de fazer com que o exercitante, como um ator, reviva a história de Cristo:

nesse teatro tudo é feito para que o exercitante se represente a si mesmo: é o seu corpo que vai ocupá-lo. O próprio desenvolvimento de seu retiro, ao longo das três últimas semanas, acompanha a história de Cristo: nasce com ele, viaja com ele, come com ele, entra com ele na Paixão. (BARTHES, 2005, p. 66).

No entanto, o jesuíta não estava apto para o trabalho na Índia, apenas através da prática dos *Exercícios Espirituais*. De acordo com Xavier, o missionário que para lá fosse, deveria estar em boas condições físicas e não possuir idade avançada, diante da variedade de ministérios que os esperavam. Em carta do dia 27 de janeiro de 1545, ao padre Inácio de Loyola, Xavier explica:

As pessoas que não têm talento para confessar, pregar, ou fazer coisas anexas à Companhia [de Jesus], depois de terem acabado os seus Exercícios [Espirituais] e terem servido em ofícios humildes alguns meses, fariam muito serviço nestas partes, se tivessem forças corporais juntamente com as espirituais. É que, para estas partes de infieis, não são necessárias letras, senão ensinar as orações e visitar os lugares, baptizando os meninos que nascem: morrem muitos sem serem baptizados por falta de quem os baptize, porque a todas as partes não podemos acudir. Por isso, os que não são para a Companhia [de Jesus], e virdes que são para andar de lugar em lugar baptizando e ensinando as orações, mandá-los-eis, porque aqui servirão muito a Deus Nosso Senhor. (XAVIER, 2006, p. 218).

Fica claro que o trabalho missionário estava focado, naquele momento, principalmente em batizar as crianças e trazê-las para o terreno católico, e que a população, em geral, era pouco instruída, de acordo com as expectativas do jesuíta.

O missionário para trabalhar na Índia, de acordo com Xavier, deveria ter um corpo casto e forte. Nesse sentido, podemos fazer um paralelo com o que diz Michel Foucault ao analisar como os movimentos ascéticos cristãos não foram os pioneiros a praticar a abstenção sexual, mas trouxeram com eles novos valores a esta prática³. Segundo ele, com o advento do cristianismo, aquele capaz de praticar a abstenção, passa a ser visto como um “herói virtuoso, que é capaz de se desviar do prazer, como uma tentação na qual ele sabe não cair” e, ao ser capaz de fazer essa renúncia, tinha “acesso a uma experiência espiritual da verdade e do amor, a qual seria excluída pela atividade sexual”. Ele lembra que:

é preciso ter em mente que a Igreja e a pastoral cristã fizeram valer o princípio de uma moral cujos preceitos eram constrictivos e cujo alcance era universal. (FOUCAULT, 1983, p. 19-20).

Ou seja, aquele capaz de se abster dos prazeres do mundo, passaria a servir como um exemplo a ser admirado e respeitado frente à comunidade. E é nesse sentido que Xavier pede missionários acima de tudo virtuosos para o trabalho na Índia, mesmo que levemos em conta que os clérigos, em tese, já por norma, deveriam praticar a castidade.

Esta atitude de afastar-se dos prazeres da carne, desenvolveu, de acordo com Foucault, práticas que ele nomeou como “cuidar de si”. O ter cuidado consigo, que tem raízes bem antigas, com o passar do tempo adquiriu um alcance bastante geral:

o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber. (FOUCAULT, 1983, p. 50).

Dessa forma, o “cuidar de si” gerou um modo de vida dentro de determinadas comunidades, como o movimento ascético cristão do qual as ordens católicas são herdeiras.

Esse “cuidar de si”, também gerou uma preocupação com a saúde do corpo, mas tudo isto enquanto uma forma de exteriorizar uma filosofia de vida. E, se pensarmos no modelo de missionário elaborado por Xavier para ser enviado à Índia, que deveria ser composto por padres com virtude comprovada, e que também gozassem de boa saúde, podemos entender que, aqui, o corpo viril é visto enquanto uma arma para resistir às adversidades e não em termos sexuais. Nesse sentido, Xavier comenta a respeito dos missionários a serem para a Índia enviados:

Digo que sejam para muitos trabalhos corporais, porque estas partes são muito trabalhosas, por causa dos grandes calores e, em muitas partes, faltosas de boas águas. Os mantimentos corporais são poucos e são só estes, sem haver outros: arroz, pescado e galinhas, sem haver pão, nem vinho, nem outras coisas de que nessas terras há muita abundância. Não-de ser [mancebos] sãos, e não enfermos [nem velhos], para poderem levar os contínuos trabalhos de baptizar, ensinar, andar de lugar em lugar baptizando

os meninos que nascem e favorecendo os cristãos nas suas perseguições [e insultos] dos infiéis. (XAVIER, 2006, p. 218).

Xavier explica, portanto, que, diante das condições climáticas e do tipo de alimentação e perigos que esses missionários estavam sujeitos, era necessário ter força corpórea. Diante da falta constante de missionários, ele reforça o seu pedido para que mais sejam enviados:

Sobretudo, caríssimos Irmãos, vos rogo, por amor de Deus, que todos os anos envieis muitos da nossa Companhia, porque fazem minguar. Para andar entre gentios, não são necessárias letras, mas que venham muito exercitados. (XAVIER, 2006, p. 252-253).

Note-se que ele não se esquece de sempre frisar a necessidade, não de homens de letras, mas de missionários virtuosos e com resistência física:

que quando ordenardes de mandar alguns da Companhia, que não sejam pregadores, para estas partes da Índia, para converter os infiéis, sejam pessoas de muita provação na Companhia e de muitas experiências, de maneira que tenham alcançado muitas vitórias por espaço de alguns anos; e que não sejam doentes, porque os trabalhos da Índia requerem também forças corporais, ainda que sejam mais necessárias as espirituais. Muito grande serviço a Deus Nosso Senhor faria o Rei, se mandasse muitos pregadores da nossa Companhia para a Índia, porque haveis de saber que a gente da Índia carece muito de doutrina. Isto vos faço saber, pela experiência que tenho. (XAVIER, 2006, p. 341-342).

Observe-se que os pregadores da companhia deveriam ser enviados para instruir os outros padres e os já cristãos, pois, para evangelizar os gentios não era preciso intelectuais.

Quando ele escreve ao padre Inácio de Loyola em 12 de janeiro de 1549, já passados sete anos de sua chegada ao Oriente, faz um resumo das características gerais da população que habita os lugares que na Índia percorreu e um balanço geral do trabalho missionário:

Primeiramente, da gente Índia natural destas partes: é gente, de quanta tenho visto, falando em geral, muito bárbara. Os da Companhia levamos muito trabalho com os que já são cristãos e se fazem cada dia. É necessário que especial cuidado tenha vossa Caridade, de todos os seus filhos da Índia, em encomendá-los a Deus Nosso Senhor continuamente, pois sabe quão grande trabalho é ter de entender-se com gente que não conhece a Deus, nem obedece à razão, pelo muito grande costume de viver em pecados.

As terras destas partes são muito trabalhosas, por causa dos grandes calores no Verão, e de ventos e águas no Inverno, [embora] sem haver frio. Os mantimentos corporais em Maluco, Socotorá e Cabo de Comorim são poucos, e os trabalhos do espírito e do corpo são grandes a maravilha, em tratar com gente de tal qualidade e nas línguas destas partes [que] são más de tomar. E mais: os perigos de uma e outra vida, muitos e trabalhosos de evitar. Mas, para que todos os da Companhia bendita de Jesus dêem graças a Deus Nosso Senhor incessantes, vos faço saber que Deus Nosso Senhor, por sua infinita misericórdia, tem especial cuidado de todos estes vossos mínimos filhos da Índia em guardá-los de cair em pecados. Somos tão bem quistos e aceites a todos os portugueses, assim eclesiásticos como seculares, e também aos infiéis, que é coisa da qual todos vivem espantados. Somos muitos: passamos de trinta⁴.

Os índios desta terra, assim mouros como gentios, são muito ignorantes, todos os que até agora tenho visto. Para os que hão--de andar entre estes infiéis convertendo-os, são necessárias muitas virtudes: obediência, humildade, perseverança, paciência, amor ao próximo e muita castidade pelas muitas ocasiões que há para pecar; e que sejam de bons juízos e corpos para levar os trabalhos. Esta conta dou a vossa Caridade, pela necessidade que me parece que há para que prove os espíritos dos que daqui em diante há-de mandar a estas partes da Índia. Se não forem provados por vossa Caridade, sejam por pessoas de quem muito confieis, porque há necessidade disto: requerem-se pessoas de muita castidade e humildade, de maneira que não sejam notados de soberba. (XAVIER, 2006, p. 380-381).

Esta carta é muito significativa, pois ele relata tudo o que foi realizado até então nas missões da Índia. Nesta mesma carta ele ainda reforça que:

Algumas pessoas da Companhia, que não tivessem habilidade para letras nem para pregar, que aí não fazem falta, tanto em Roma como noutras partes, parece-me que aqui serviriam mais a Deus, se fossem muito mortificados e de muitas experiências,

com as demais virtudes que se requerem para ajudar entre estes infiéis: sobretudo que fossem muito castos, e tivessem idade e forças corporais para levar os grandes trabalhos destas partes. Proveja nisto vossa Caridade, como melhor lhe parecer. (XAVIER, 2006, p. 387).

Dois dias depois ele escreve uma segunda via dessa mesma carta a Loyola, cujo conteúdo, portanto, é parecido com o da carta anterior. Nessa carta Xavier inicia dizendo:

Por esta, lhe farei particularmente saber, por aviso vosso, algumas coisas. Primeiramente da gente desta região que, pelo que tenho visto e falando em geral, é muito bárbara e não tem desejos de saber senão coisas conformes aos seus costumes pagãos. Não têm inclinação para ouvir coisas de Deus e da sua salvação. As forças naturais acham-se neles muito corrompidas para toda a classe de virtudes. São extraordinariamente inconstantes, pelos muitos pecados em que têm vivido. Falam pouca ou nenhuma verdade. Os da Companhia que nos encontramos aqui, passamos muito trabalho com os que já são cristãos e se fazem cada dia. É necessário que vossa Caridade tenha especial cuidado de todos os seus filhos da Índia, em encomendá-los a Deus Nosso Senhor continuamente, pois sabe quão grande trabalho é ter que entender-se com gente que não conhece a Deus nem obedece à razão. Tanto que, pelo costume de viver em pecados, o tirar-lhes este costume lhes parece fora de razão.

Estas terras são trabalhosas, por causa dos grandes calores no Verão, e ventos e águas no Inverno sem fazer frio. Os alimentos corporais em Maluco, Socotorá e Cabo de Comorim, são poucos, e os trabalhos do espírito e do corpo são grandes por tratar com semelhante gente. As línguas são más de apanhar. Os perigos de uma e outra vida, muitos e difíceis de evitar. [...]

Os índios desta terra, assim mouros como gentios, todos os que até agora tenho visto, são muito ignorantes. Para os que hão-de andar entre os infiéis, trabalhando na sua conversão, não são necessárias muitas letras, mas sim muitas virtudes: obediência, humildade, perseverança, paciência, amor ao próximo assim como grande castidade pelas muitas ocasiões que há de pecar. E que tenham bom senso e corpos aptos para o trabalho. Esta conta dou a vossa Caridade, para ver que é necessário provar os espíritos dos que para cá se mandam. (XAVIER, 2006, p. 392-393).

Ao padre Simão Rodrigues, Xavier também escreve de Cochim, em 20 de janeiro de 1549, dizendo a importância em que envie pessoas cuja experiência seja comprovada:

Muito grande serviço a Deus Nosso Senhor faríeis, Irmão meu caríssimo, se viesseis a estas partes da Índia com muitos da Companhia: entre eles, sete ou oito pregadores e, outros, ainda que não tivessem talento de pregar, sendo pessoas de muitas mortificações e experiência de muitos anos, ainda que não tivessem tantas letras, para a conversão dos infiéis fariam muito. É que, os infiéis destas partes, são gente muito bárbara e ignorante. Com ter medíocres letras e muitas virtudes e forças corporais para levar os trabalhos destas partes, fariam muito serviço a Deus Nosso Senhor pelas fortalezas destas partes. Onde houvesse um pregador da nossa Companhia e outro companheiro Padre que o ajudasse a confessar e dar Exercícios Espirituais, fariam facilmente um colégio, em que recolhessem os filhos dos portugueses, primeiramente e, depois, outros naturais da terra. (XAVIER, 2006, p. 402).

Nessa mesma carta ele reforça a vinda de clérigos que na Europa não têm grande serventia e comenta que ali seriam de grande ajuda, já que os padres naturais da terra ainda não teriam preparo suficiente para sair sozinhos para o trabalho missionário:

Portanto, deveis enviar a estas partes pessoas sacerdotes, que não fazem falta em Roma nem em outras partes onde estão colégios da Companhia, por não terem talento ou letras para pregar ou edificar colégios, porque estes tais farão muito [mais] serviço a Deus Nosso Senhor nestas partes que lá. Dai ordem de modo que todos ao anos envieis pessoas a estas partes: é que, os que cá entram na Companhia, não são para andar fora dos colégios, por não terem letras nem virtudes nem espírito para que possam logo andar fora, na conversão dos gentios. Para isto, se requerem muitos anos de mortificação e de experiência, como bem sabeis. (XAVIER, 2006, p. 406).

Percebemos nessa carta de Xavier, uma preocupação quanto ao clero nativo. Para ele, o clero indiano ainda não estaria apto para o trabalho catequético sem o auxílio de padres europeus. A esse respeito, Charles Boxer explica que, embora existisse em teoria um desejo

pela formação de um clero indígena e como vimos, para isso foram construídos colégios nas possessões portuguesas no ultramar, esse clero levou muito tempo para se desenvolver. Além disso, em algumas regiões, essa idéia foi combatida pelos próprios missionários que a deveriam desejar. Pois havia um preconceito, que levava esse clero a, na prática e na teoria, ser considerado subalterno aos sacerdotes europeus. Isso principalmente, porque havia uma crença resumida, séculos mais tarde, na afirmação de Hillaire Belloc, de que “a fé é a Europa, a Europa é a fé” e que, portanto, só os europeus professariam um cristianismo mais puro. No entanto, as próprias dificuldades de adaptação a que os missionários europeus estavam sujeitos, levaram a discussões sobre a implantação destes seminários de formação de um clero nativo. (BOXER, 1978, p. 52-53).

Em carta de 23 de junho de 1549 a Simão Rodrigues, de Malaca, Xavier fala:

As pessoas que a estas partes mandardes, assim pregadores como os que o não são, por amor de Nosso Senhor que sejam pessoas muito provadas em sua vida e virtudes: é que os azos e ocasiões para o mal são muitas nestas partes. Ainda que os pregadores que mandardes para cá não tenham muitas letras, sejam, por amor de Nosso Senhor, homens de grande vida, porque nestas partes pouco olham às letras e muito à vida. (XAVIER, 2006, p. 491).

Portanto, em uma terra onde as letras segundo ele não fariam tanta diferença, em que o clima e a população são inóspitos, era preciso, sobretudo, virtude e força física. Missionários bem treinados, para que pudessem por em prática os *Exercícios Espirituais* de forma a converter através do bom exemplo. Ao mesmo tempo, deveriam ser fortes o suficiente para resistir aos diversos perigos a que estariam sujeitos. É isto o que Xavier sem cansar pede, como até agora vimos e veremos, a seguir, em suas cartas aos superiores em Roma, Portugal e ao Rei português.

Em Goa, Xavier escreve em 7 de abril de 1552, após retornar do Japão, a Simão Rodrigues. Nessa carta ele fala da necessidade de que Loyola envie missionários e formadores competentes e reforça o seu discurso de quais seriam as qualidades que julga necessárias aos missionários:

Padres que tivessem muita experiência, ainda que não tivessem talento para pregar, que fossem para muitos trabalhos: dessas pessoas que, ou por Itália ou por Espanha, há já muito que acabaram seus estudos e se exercitaram em edificar o povo. [São] semelhantes pessoas [que] para estas partes são necessárias. Porque os que saem dos estudos sem serem exercitados e bem provados no mundo, vêm a estas partes [e], em vez de aproveitar aos outros, como não têm experiência, perdem-se. (XAVIER, 2006, p. 632).

Em carta a D. João III, de 8 de abril de 1552, Xavier pede que ele solicite à Loyola o envió de mais missionários, porém que estes:

E, estas pessoas, que sejam de muitos anos de provação, não somente nos colégios mas no mundo, confessando e fazendo fruto nas almas, onde tenham sido experimentados e provados, porque destes tem necessidade a Índia. Porque de letrados, sem experiências e prova do que é mundo, não se faz muito fruto nesta terra. (XAVIER, 2006, p. 644).

Considerações Finais:

Percebemos, portanto, nos relatos de Xavier, quais eram as dificuldades que esses padres enfrentavam no trabalho missionário. Eles estavam sujeitos a uma série de situações que poderiam tanto lhes afastar dos ideais para os quais estavam comprometidos, como também corriam riscos que poderiam inclusive levá-los a uma morte prematura. E é diante dessas dificuldades que Xavier tenta, através do cuidado em registrar os mínimos detalhes sobre o seu trabalho, sanar com a criação deste modelo de missionário mais adequado para a Índia. No entanto, essa tentativa de Xavier de melhorar a catequese na Índia, com a vinda de um corpo missionário já previamente estudado, não bastava. Em algumas situações isso não

foi suficiente para transformar o trabalho de evangelização na Índia fácil. Inseridos em um contexto de expansão ultramarina européia e fazendo parte das relações do Padroado Real da Coroa Portuguesa, esses missionários se depararam com uma hierarquia de fatores que ora contribuía, ora atrasavam ou mesmo destruíam os frutos já colhidos.

Referências Bibliográficas:

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOXER, Charles Ralph. *O Império Marítimo Português (1415-1825)*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. *A Igreja e a Expansão Ibérica*. Lisboa: Edições 70, 1978.

COSTA, Célio Juvenal. A racionalidade jesuítica: civilização e organização. In: VII SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 2003, Piracicaba. História, Civilização e Educação, 2003. v. único.

COSTA, Célio Juvenal. Os Jesuítas no Brasil: servos do Papa e súditos do Rei. *Revista Diálogos*, nº 2, vol. 10, Maringá, 2006, p. 37-63.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: o Cuidado de Si*. São Paulo: Graal, 1985, Vol. 3.

LODOÑO, Fernando Torres. Escrevendo Cartas – Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. *Revista Brasileira de História*, nº 43, vol. 22, São Paulo, 2002.

SOUZA, Teotônio R.. O Padroado português do Oriente visto da Índia: instrumentalização política da religião. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, nº 13/14, Lisboa, 2008.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. *O Império Asiático Português 1500-1700: Uma história Política e Econômica*. Tradução de Paulo Jorge Sousa Pinto. Lisboa: Difel, 1995.

TAVARES, Célia Cristina. A cristandade insular: jesuítas e inquisidores em Goa (1540-1682). Rio de Janeiro: UFF, 2002. (NUMERO DE PAGINAS). Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.

XAVIER, São Francisco. *Obras Completas*. Tradução de Francisco de Sales Batista. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

¹ Charles Boxer (1978, p. 101), afirma que, o motivo para os papas quinhentistas deixarem a construção de igrejas, a manutenção da hierarquia eclesiástica e o envio de missionários à custa dos monarcas ibéricos foi a relativa falta de interesse desses vigários na evangelização dessas terras, numa época em que o protestantismo crescia e a ameaça turca era constante.

² O que teria agradado a Dom João III, um rei reformador da Igreja em Portugal, seria o desprendimento dos jesuítas com uma roupagem exterior e formal, praticando, por consequência, uma vida mais ativa e ao mesmo tempo interior. Frente a um período onde não só acontecera a Reforma Protestante, mas também uma proposta de inovações dentro da própria Igreja Católica, a Contra-Reforma, ou melhor, Reforma Católica, os jesuítas souberam catalisar muito bem as novas necessidades religiosas. A companhia de Jesus pregava uma obediência que se estendia desde Roma até os seus superiores. Foi também uma ordem voltada para o mundo e por esses motivos em meio ao ambiente de Contra-Reforma, atraiu as atenções de D. João III.

³ Foucault explica que na Antiguidade os grupos que valorizavam a abstenção dos prazeres, o faziam como uma forma de como uma maneira de se distanciar dos outros, do comum. A inquietação com todos os distúrbios do

corpo e da alma deveria ser evitada através de um regime austero, suportando a privação dos prazeres como forma de tornar-se um ser mais racional. De acordo com Foucault, no mundo helenístico e romano desenvolve-se um “individualismo” que conferia cada vez mais espaço aos aspectos “privados da existência, aos valores da conduta pessoal, e ao interesse que se tem por si próprio. Porém, há também sociedades ou grupos nos quais a relação consigo é intensificada e desenvolvida sem que por isso, e de modo necessário, os valores do individualismo ou da vida privada encontrem-se reforçados. Foucault dá como exemplo justamente o movimento ascético cristão dos primeiros séculos, que apresentou-se como uma acentuação extremamente forte das relações de si para consigo, mas sob a forma de uma desqualificação dos valores da vida privada. (FOUCAULT, 1983, p. 46-48).

⁴ Os jesuítas que estavam na Índia, eram então: desde 1542, Xavier, Micer Paulo; desde 1545, Beira, Criminali, Lancillotto; desde 1546, F. Henriques, H. Henriques, Pérez, Ribeiro, Cipriano, Adão Francisco, Moraes júnior, Baltasar Nunes, N. Nunes; desde 1548, Torres, Barzeu, Gago, M. Gonçalves, G. Rodrigues, Oliveira, D. Carvalho, J. Fernandes, Barreto, Mendes, A. Gomes, P. do Vale, Frois, F. Gonçalves, M. Vaz. Em 25 de Outubro, entraram três na Companhia de Jesus: D. Diogo Lobo, André de Carvalho, Cristóvão Ferreira. Eram ao todo 33. A estes há que acrescentar mais oito, admitidos ao que em 13 de Setembro de 1548, depois de Xavier ter partido de Goa. (XAVIER, 2006, p. 380-381).